



5º Congresso de Pós-Graduação

O ENVELHECER AOS OLHARES DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Autor(es)

REGINA MARIA ROVIGATI SIMOES

Orientador(es)

Regina Simões

1. Introdução

O processo de envelhecimento é uma realidade na sociedade atual, graças ao aumento da expectativa de vida da população em geral, devido à industrialização, globalização, entre outros. Schirmacher (2005) comenta que na sociedade atual está aumentando o número de idosos de tal forma que muitos de nós conviveremos com pais, avós e bisavós ao mesmo tempo. Só na China, estarão vivendo em 2050 um número de idosos acima de 65 anos, equivalente ao que se vive no mundo hoje. Com isto estima-se que a população idosa aumente em 20% nos próximos anos e que o Brasil esteja classificado como a sexta maior população de idosos do mundo no ano de 2025. Simultaneamente ao aumento do número da população, vê-se hoje uma grande quantidade de pessoas idosas que apresentam algum tipo de doenças, demências ou deficiência. De acordo com os dados da Organização Panamericana de Saúde Ocular, a prevalência de cegueira em pessoas com mais de 50 anos, é de 1,4% em zonas urbanas do Brasil e Argentina, 3% no Paraguai e cerca de 4,1% em zonas rurais da Guatemala. Segundo Hoskins; Kalache; Mendes (2005), nos países mais pobres, a prevalência de idosos cegos tende a aumentar, daí o interesse em optarmos por direcionar esta pesquisa para esta população, considerando que essas percorrem o curso de existência de vida por um período mais longo, necessitando trazer discussões referentes à este aspecto.

2. Objetivos

Investigar a concepção de envelhecimento para pessoas idosas cegas, integrantes das instituições localizadas nas cidades de Jundiaí, Campinas e Paulínia.

3. Desenvolvimento

A investigação esteve pautada na pesquisa qualitativa, dentro da opção de Análise de Conteúdo: Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado, desenvolvida por Moreira, Simões e Porto (2005), a qual capta os relatos ingênuos dos sujeitos, cria indicadores e por fim categorias de análise. De um total de 249 cegos oriundos de 6 instituições (3 localizadas na cidade de Jundiaí, 2 em Campinas e 1 em Paulínia),

participaram do estudo 20, sendo os que tinham 60 anos ou mais e aceitaram assinando o Termo de Consentimento Livre Esclarecimento. Para a coleta dos dados foi utilizada uma entrevista agendada e gravada contendo além dos dados pessoais a seguinte pergunta: O que você entende por envelhecimento?

4. Resultados

Os dados pessoais mostram que do total, 30% eram mulheres e 70% homens, com idade entre 60 e 74 anos. Quanto a deficiência visual 85% tem deficiência visual adquirida e 15% congênita. Na atividade profissional prevalece a aposentadoria representada por 90% e na formação escolar 30% tem Ensino Fundamental incompleto e 35% completo. No Ensino Médio há 20% incompleto e 10% completo e apenas 5% com superior incompleto.

Os idosos se dividem na prática regular de exercícios físicos, pois 50% realizam periodicamente atletismo, atividades motoras, ciclismo, goalball, natação e kung-fu, variando entre 1 até 5 vezes por semana e 50% são sedentários.

Analisando a pergunta proposta e após elencar os indicadores chegamos à 8 categorias como mostra o Quadro 1.

Categorias de análise da pergunta geradora	Sujeitos Categorias															
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
Processo natural	x	x	x							x	x	x	x	x	x	
Processo desgaste	x	x	x	x	x	x	x	x								
Passar dos anos									x	x	x					
Não é relacionado a idade																
Relacionado a deficiência																
Não aceitar algumas coisas																

Tem varios angulos x x x x x x x x Não é relacionado a idade x x x x x x Tem parado x x x x Relacionado a deficiência x x x x Não ficar parado x x Não aceitar algumas coisas x A primeira categoria e de maior convergência foi Processo natural do ser humano, sendo proposta 45% dos entrevistados. Nesta entende-se o desenvolvimento do ser humano no tempo, ou seja, nasce, cresce, reproduz e morre. O significado do envelhecer como processo natural do ser humano está presente na literatura, como verificamos nas palavras de Restack (2006) que afirma que nascer, crescer, amadurecer, envelhecer e morrer faz parte do ciclo natural da vida. No entanto, percebemos que não é possível pensar na velhice como um evento isolado, dissociado de experiências vividas ao longo da vida. Mas, é importante destacar, ser necessário observar a verdadeira realidade multifacetada da velhice, sendo que esta apresenta momentos de encantos e desencantos e que o ser humano que se encontra neste período saiba mudar o que o agrada ou ajustar-se ao que não pode transformar. Na segunda definida como Passar dos anos, temos 40% dos entrevistados, entendendo que isto se relaciona a viver muito, ter experiências, ter saúde. Os estudos de Beauvoir (1990) sobre esta questão dizem que a velhice modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem nunca vive em um estado natural: na sua velhice, como em qualquer idade, um estado lhe é imposto pela sociedade a qual pertence. Outros 40% definem velhice como Processo de desgaste, associando o envelhecimento com lentidões motoras que o corpo físico apresenta ou as dificuldades que devem ser superadas a cada dia. Simões (1995) relata que o corpo que envelheceu é considerado um corpo desvalorizado, repulsivo, pois não apresenta mais atratividade, produtividade, levando-o a perder sua auto-estima. Este corpo não tem mais serventia, não se inclui mais nos padrões de beleza e eficácia, tem seus anseios anulados, fragilizando-se cada vez mais ao envelhecer, porque para os fracos não há lugar na sociedade produtiva. Desta forma, as transformações corporais advindas com o envelhecimento não são aceitas, uma vez que estas não são encaradas como um processo natural do envelhecimento. Para a quarta categoria definida como Não está relacionado à idade cronológica, encontramos 25% dos entrevistados. Ela é análoga à comparação entre o envelhecimento físico e o envelhecimento mental, ou seja, o físico supera o mental, pois o primeiro explicita mais as dificuldades. A esta visão dicotômica nos reportamos aos dizeres de Capra (1987, p.55) que analisa o paradigma cartesiano, no qual recorre a Descartes, que privilegiou a mente em relação ao corpo, considerando que os dois são separados ou dissociados como vemos: "... não há nada no conceito de corpo que pertença a mente, e nada na idéia da mente que pertença ao corpo". Nesta lógica a concepção de corpo humano é de uma máquina, movida pela mente considerando suas várias funções biológicas como operações mecânicas, o que pode ser reforçado com a fala dos sujeitos em que o corpo se altera, mas a mente não. Têm vários ângulos de resposta, é visto em 25% das análises feitas. Observamos que o entendimento desta categoria se dá devido aos sujeitos relacionarem a idade biológica com a cronológica, e a fatores psicológicos. Nesses vários ângulos de repostas encontramos sujeitos que falam bem da fase, mostrando seus ganhos e outros que comentam mal da velhice. Assim, Okuma (2002) ressalta

que olhar para a velhice é muitas vezes elucidar aspectos negativos, enfatizando somente os pontos retrógrados deste momento. Já Baltes e Baltes (1991) relatam que é preciso um novo olhar da velhice, mostrando que as pessoas têm que enxergar os potenciais deste momento da vida para o seu crescimento e desenvolvimento. A sexta categoria, presente em 20% das repostas e, definida como Relacionada à deficiência está associada a ficar jovem após a aquisição da deficiência visual, principalmente por iniciar a prática de exercícios nesta fase. Relacionado a estas mudanças Neri (2001), comenta que quanto maior o envolvimento dos idosos em atividades, maior a satisfação, a saúde, o auto-conceito e a aceitação social. Dos entrevistados, 10% dizem que é Não ficar parado, significando estar em atividade, fazendo com que envelheça com menos rapidez, ou seja, apresentará uma velhice com mais qualidade. Os estudos de Okuma (2002), nos mostram uma visão complexa da categoria, dizendo que as pessoas não apresentam um corpo feio ou bonito, gordo ou magro, hábil ou inábil, ativo ou passivo, doente ou saudável, as pessoas são o próprio corpo que expressa uma forma gradativamente construída para lidar com as exigências das experiências vividas. A menor convergência de respostas está categoria definida como Não aceitar algumas coisas encontrada em 5% da população pesquisada. Esta categoria tem o entendimento de que a pessoa mudou sua vida após adquirir a deficiência visual, como por exemplo aprender línguas, e estas alterações estão ampliando os conhecimentos em geral destes indivíduos. Este fato faz com que sua cabeça não aceite algumas. Verificamos nas palavras de Restak (2006), que o cérebro humano é uma obra em andamento, durando a vida toda, e ele preserva sua plasticidade (capacidade de mudanças) enquanto o dono estiver vivo. No envelhecimento, todo esse processo da mente humana não ocorre diferentemente da pessoa na juventude e na idade madura. O idoso apresenta suas operações mentais em processos mais lentos tendo respostas mais demoradas.

5. Considerações Finais

Ao fazer a leitura do referencial teórico e das respostas dos participantes da investigação percebemos que os idosos, que tem como característica a deficiência visual, são pessoas que necessitam ser compreendidas por toda a sua globalidade, sendo considerados seres humanos que buscam sua existencialidade por toda a sua plenitude e que são diferentes, como todos nós somos, sendo a única questão apresentar a deficiência visual.

A pesquisa revelou que as pessoas idosas cegas, consideram o envelhecer associado à própria vivência no processo. Também constatamos que a maioria dos entrevistados entende o significado do envelhecimento por uma perspectiva positiva, mesmo que alguns se sintam constrangidos em aceitar a fase por terem a deficiência e em decorrência disso, apresentam déficits nas suas atividades de vida diária, como a locomoção e ações que requerem dupla atenção. É relevante que os idosos cegos aceitem este momento do curso de vida e não neguem a idade, pois esta negação, significa negar o próprio corpo, sua existencialidade e não valorizar a maneira que ela se apresenta. É estar desprovido do presente, é viver perdido entre a memória de situações passadas, buscando referências que possam trazer conforto e o medo de um futuro que não reserva mais possibilidades. Quanto às dificuldades apresentadas em decorrência do envelhecimento e da deficiência visual, é natural que elas aconteçam, pois os idosos cegos ficam sujeitos a terem mais perdas em vários domínios nesta etapa da vida, mas dizer que na velhice ocorrem mais perdas do que ganhos, não significa dizer que ela é sinônimo de doença ou de qualquer possibilidade de atuação. Viver significa adaptação ou possibilidade de constante auto-regulação, nos campos biológicos, psicológicos e sociais. Foi perceptível, para alguns dos idosos cegos, a mudança de seu estilo de vida após adquirirem a deficiência visual. Estes passaram a frequentar outros ambientes, começaram a praticar esportes, entre outras atividades, ou seja, valorizaram a sua existencialidade e entenderam o mundo de outra forma, e não apenas com o sentido da visão, o que significa que mostraram outras potencialidades, reforçando que as limitações apresentadas são normais em decorrência do envelhecimento e da cegueira, não os impedindo de estar no mundo.

Referências Bibliográficas

BALTES, P. ; BALTES, M. Psychological perspectives on successful aging: the model of selective optimization with compensation. In; BALTES, P. ; BALTES, M. (Eds). **Successful aging: Perspectives**

from behavioral sciences. Cambridge, Cambridge University Press, p. 1 – 34, 1991.

BEAUVOIR, S. **A velhice.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1990.

CAPRA, F. **O ponto de mutação.** São Paulo: Cultrix, 1987.

HOSKINS, I; KALACHE, A.; MENDES, S. Hacia uma atención primaria de salud adaptada a lãs personas de edad. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 5/6, p. 444-451, 2005.

MOREIRA, W. W. ; SIMÕES, R. ; PORTO, E. . Análise de Conteúdos: Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado. In: **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília - DF, v. 13, n. 4, p. 107-114, 2005.

NERI, A. L. **Palavras-chave em gerontologia.** Campinas: Ed. Alínea, 2001.

OKUMA, S. **O idoso e a atividade física.** 2ª Ed. Campinas: Papirus, 2002.

RESTACK, R. **Seu cérebro nunca envelhece: descubra como você pode desenvolver todo o seu potencial.** São Paulo: Ed. Gente, 2006.

SCHIRRMACHER, F. **A revolução dos idosos: o que muda no mundo com o aumento da população mais velha.** Rio de Janeiro: Campus. 2005.

SIMÕES, R. Ciência e consciência: tatuagens no do corpo idoso. In: MOREIRA, W.W. (org). **Corpo presente.** Campinas: Papirus, 1995.